

Política

PRESIDÊNCIA

Polarização partidária na Constituinte preocupa Sarney

por Edson Beó de Brasília

"A Constituição tem de ser de todos". Com essa frase, reproduzida pelo senador Gérson Camata (PMDB-ES), o presidente José Sarney traduziu seu receio de que uma polarização de grupos partidários, como está ocorrendo agora, poderá resultar na feitura de um texto constitucional faccioso, incapaz de representar o pensamento consensual dos parlamentares e, por consequência, da própria sociedade.



José Sarney

Henrique Cardoso (PMDB-SP), ardorosamente defendido pelos setores mais progressistas do partido majoritário da Aliança Democrática e repellido pelo PFL. Além dessa dicotomia na coligação aliancista, não agrada ao presidente da República ver, agregadas nessa mesma polarização, as agremiações minoritárias.

Mas a grande preocupação do presidente é com a Aliança Democrática. O

deputado Carlos Cotta relatou que Sarney acha o adiamento da votação do regimento para depois do carnaval uma consequência positiva do episódio. Nesse período, ele prometeu empenhar-se junto às lideranças partidárias, em busca de um final feliz para o embate sobre o regimento, segundo acentuou o mesmo deputado. "O presidente disse que o adiamento foi importante para se chegar a uma conclusão mais serena, sublinhou ele. Em vez de uma decisão imposta pela força numérica de uma bancada, Carlos Cotta relatou que o governo prefere a "vitória do entendimento", como definira textualmente o próprio presidente, que também quer melhor definição da abrangência da proposta, segundo complementa o mesmo parlamentar.

Uma ruptura declarada na Aliança Democrática seria um agente complicador para o governo que, agora, mais do que nunca, depende da união da classe política para renegociar com altivez o pagamento

da dívida externa. Esse recado José Sarney deu ao deputado estreado Augusto de Carvalho (PCB-DF). Por isso, ele tenciona ampliar e ampliar contatos com os parlamentares e os governadores eleitos, para garantir a manutenção da coligação PMDB-PFL, segundo relação feita ao senador Gérson Camata. Nesse trabalho, o governo pretende arregimentar novos adeptos que possam ajudar o líder da maioria, deputado Carlos Sant'Anna, a cumprir a missão de conciliar os interesses do Executivo na Constituinte, de acordo com a explicação de Camata. Segundo o senador capixaba, o presidente está chegando a conclusão de que "um líder da maioria só, é pouco".

O papel de Carlos Sant'Anna é difícil de ser cumprido, num plenário com mais de 60% de renovação, pois as lideranças não conseguem direcionar as bancadas, "completamente desorganizadas", analisa, por exemplo, o deputado Wilson Campos (PMDB-PE).

"Sistema econômico está íntegro"

por Cecília Pires de Brasília

"Nós não estamos atravessando nenhuma crise de natureza estrutural na economia brasileira. Nosso sistema econômico está íntegro", afirmou ontem o presidente Sarney, em discurso que encerrou o seminário promovido pela Secretaria Especial de Comunicação da Administração Federal. Sarney ainda justificou a intervenção administrativa nos bancos estaduais para combater o déficit público e disse que os remédios para combater a inflação trazem custos políticos altos, segundo

Sarney, que têm de ser pagos. Porque pior do que isto, na opinião do presidente, seria tratar estes problemas através de soluções demagógicas. De acordo com o resumo do discurso feito pelo secretário de imprensa, Frotta Neto, o presidente forneceu como exemplo destes remédios amargos a decisão de intervenção administrativa nos bancos de cinco estados. De acordo com Frotta Neto, o presidente assinou o decreto neste sentido para dar condições a que os novos governadores possam trabalhar nos seus estados e a medida foi necessária e indispensável.

Sarney voltou a contestar, de forma indireta, os que o criticam de irrobil-

mo perante a crise econômica. "Todo o progresso é fruto do trabalho, de uma longa construção, uma construção, que, naturalmente, demanda tempo." Disse ainda que a função do trabalho continuado é um compromisso da mudança e ressaltou que seu governo está atravessando um período de transição. Deu ainda um recado aos que apregoam a perda de controle do processo pelo governo.

Sarney usou uma figura de retórica para explicar esta posição, lembrando que o sistema hidráulico controla a velocidade da água através de comportas e que às vezes as águas revoltas pressionam a passagem, o que mostra a neces-

sidade deste controle sobre a pressão da água. "Nós temos que ter o controle das comportas", disse o presidente.

O que ocorre no País hoje, segundo Sarney, está longe de constituir uma catástrofe. Em sua opinião, o Brasil enfrenta três tipos diferenciados de inflação. Uma, monetária, que provocou a falta de bens, com o aumento da demanda. Um segundo tipo de inflação, esta de natureza psicológica, ocorreu logo após a implantação do Plano Cruzado II. E uma terceira inflação, segundo Sarney, é de tipo especulativo. Contra este processo inflacionário Sarney defendeu medidas energéticas, ainda que com altos custos políticos.

PMDB

Richa alerta para o desgaste

por Valério Fabris de Brasília

Os políticos e o PMDB estão desgastados. É o que pensa o senador José Richa, ex-governador do Paraná. Para ele, a natureza da crise do PMDB está no seu comando nacional. Richa condenou, em entrevista a este jornal, o que considera como o poder excessivamente centralizador do presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães (SP).

Richa ressalva que não está, assim, pregando a renúncia de Ulysses Guimarães do comando do partido. "Não é essa a questão que se coloca. Não havia nem há, neste instante, ninguém mais competente do que ele para conduzir o PMDB." O ex-governador paranaense, todavia, acha que é preciso dividir responsabilidades, delegando-se tarefas.

MOMENTO DE RECICLAGEM

Se entre Ulysses e o Poder Executivo há um fluxo de consultas e respostas, pondera José Richa, o PMDB dele não toma conhecimento. "Devemos trabalhar em colegiado. A presidência de um partido não pode ser exercida de forma isolada e solitária", deixa-se. É chegado o momento de reciclagem, como sugere o senador paranaense.

"É hora de alinhavar conquistas de mais de vinte anos", exortou Richa ao sublinhar que o PMDB é um partido do governo, com ministros por ele indicados, com 256 deputados federais, 46 senadores, 22 governadores e com a maioria dos prefeitos, das cadeiras nas câmaras Municipais e Assembleias Legislativas, além de "milhões de militantes".

Não compete ao PMDB, na sua opinião, pressionar o presidente da República para empreender reforma ministerial ou para indicar nomes no gabinete de Sarney. "Todo chefe de executivo que não tem independência para compor uma equipe jamais terá autoridade para comandá-la. É preciso que o presidente Sarney tenha total liberdade."

"O que compete, então, ao PMDB?", indaga Richa. Ele mesmo responde: elaborar propostas, formular planos e cobrar, do presidente, os resultados. "O partido cumpre um pouco às avessas essa tarefa", diz Richa, acrescentando

Inquietações quanto ao futuro

por Valério Fabris de Brasília

O governador eleito da Bahia, Waldir Pires, afirmou ontem a este jornal que são "legítimas" as inquietações quanto ao futuro do PMDB, que, na sua opinião, deve tornar-se um grande partido de massas. Ele diz que o PMDB certamente atravessará uma etapa de transformações internas em direção a esse objetivo.

Waldir Pires acha, contudo, que esse processo ocorrerá naturalmente, sob o comando do presidente do partido, deputado Ulysses Guimarães (SP).

Waldir Pires é um dos pedemebistas mais afinados com Ulysses Guimarães. O deputado paulista, segundo ele, é "presença histórica" no

PMDB, motivo pelo qual jamais se deve cogitar do seu afastamento. O que importa, no momento, de acordo com o governador eleito da Bahia, é o preenchimento dos cargos da executiva nacional do PMDB, que ficarão vagos com as posse dos governadores eleitos do Rio Grande do Sul, Pedro Simon (atual primeiro vice-presidente), e de Pernambuco, Miguel Arraes (segundo vice).

"Trata-se de espiroação generalizada que o partido acompanha os quadros de sua executiva", diz Waldir Pires, ao acrescentar que o deputado Ulysses Guimarães não pode cuidar da rotina do PMDB. Os episódios da noite de anteontem — quando o PMDB não conseguiu fazer prevalecer na Constituinte a sua intenção de votar e aprovar o

regimento interno, conferindo um elevado grau de autonomia à Assembleia para alterar a legislação em vigor — não caracterizam, no entender de Waldir Pires, uma derrota do partido ou o fracasso de suas lideranças. O governador eleito da Bahia diz que, pessoalmente, considera que a Assembleia deve ter o poder de redigir "uma nova Constituição".

"A história mostra-nos que todas as vezes em que os constituintes não se restringem a essa missão, os conflitos são de tal natureza que ameaçam inclusive o próprio poder constituinte. E essa postura de soberania para escrever a nova Constituição corresponde a uma lealdade com o processo histórico que estamos vivendo", diz Waldir Pires.

que se não existe um permanente canal de informações entre o PMDB e o Planalto não é por culpa do governo central.

Escassearam as reuniões, diz o senador. "O PMDB não se reuniu sequer para analisar os resultados de 15 de novembro, e sinto que o governo não é impermeável ao diálogo com o partido. Todas as vezes que se forma um grupo de parlamentares para visitar ministros, com vistas a ter informações da conjuntura, dos juros ou da agricultura, sempre encontra as portas abertas." Richa conclui assim que a obtenção de informações decorre mais do interesse e do voluntarismo dos pedemebistas do que de um trabalho organizado.

EXECUTIVA NACIONAL

Seria necessário, segundo ele, que fossem preenchidos os cargos da executiva nacional que ficarão vagos com a posse dos governadores do Rio Grande do Sul, Pedro Simon (primeiro vice-presidente), e de Pernambuco, Miguel Arraes (segundo vice). Ulysses Guimarães teria de se licenciar, voltando ao comando do PMDB quando for promulgada a nova Constituição do País. "O que se coloca não é encontrar alguém mais capaz do que o doutor Ulysses. É encontrar alguém mais disciplinado."